

Serge Moscovici, psicologia social e interdisciplinaridade¹

Jorge Correia Jesuino²

jorge.correia.jesuino@gmail.com

¹ Traduzido por Márcia Machado de Souza, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (Unesa/RJ). Coordenadora do Curso de Design de Moda (Petrópolis), na mesma instituição.

² Professor Emérito no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Instituto Universitario de Lisboa (ISCTE-IUL). Membro do Centro de Filosofia da Ciência da Universidade de Lisboa (CFCUL)

A noção de interdisciplinaridade que abrange uma rede de palavras prefixadas por multi, pluri, inter, trans, cujas fronteiras mútuas estão longe de ser claras, adquiriu recentemente uma nova relevância, dando origem a uma literatura prolífica e freqüentes pesquisas científicas. As controvérsias e os debates sobre esta questão centram-se principalmente na relação complexa entre as disciplinas científicas, reforçadas pela crescente sensação de que a produção científica não se limita mais à imagem tradicional de disciplinas autônomas.

Serge Moscovici (SM daqui para a frente), cujo pensamento continuamos a evocar e celebrar, contribuiu para esse debate, mesmo que de forma indireta, através do exemplo dado por seu próprio trabalho, pela facilidade com que conseguia navegar pelas ciências e humanidades. Essa leitura é possível, por mais escassos que possam ser os textos onde este tema, principalmente na modalidade de interdisciplinaridade, tenha sido analisado por SM de forma mais explícita.

Um exemplo desta contribuição de SM foi dado no dia 18 de Março de 1998, dia em que recebeu mais um título *Honoris Causa*, concedido pela Universidade de Bolonha. SM proferiu na ocasião uma palestra com o título *Psicologia Sociale, Interdisciplinarità e Fiducia fra Gli Scienziati*, que foi publicado pela Giornale Italiano di Psicologia, (GPI) um ano depois.

Esse pequeno texto de apenas três páginas, o que não é muito comum na obra de SM, não deixou de ser profundo e suscitar muitas contribuições para o tema da interdisciplinaridade razão pela qual a mesma revista, em edições seguintes, expandiu o debate publicando comentários de Willem Doise, Piero Amerio e Domenico Paresi, aos quais, quase vinte anos depois, gostaria de adicionar algumas notas. No seu discurso de aceitação, SM ofereceu uma breve visão geral de seu projeto como reconhecido cientista social do campo da psicologia social, uma disciplina para qual ele tanto contribuiu em termos teóricos e, também, institucionais. Em tal visão geral, o autor indicou uma série de problemas

epistemológicos recorrentes na psicologia social, sugerindo como a abordagem interdisciplinar poderia ajudar a superar estes problemas.

Em seu comentário, Willem Doise (1999) vê o trabalho de SM articulado em três vertentes: (1) pesquisa sobre processos de influência social; (2) teoria das representações sociais (TRS) e (3) estudos sobre História da Ciência. Para Doise, haveria alguns interligamentos entre esses tópicos. Estudos experimentais sobre influência social poderiam ser entendidos como destinados a validar os processos de propaganda, descritos no trabalho de SM sobre Psicanálise, e os ensaios sobre a História da Ciência poderiam ser vistos como os princípios organizadores das representações sociais. W. Doise ainda afirma, nesse curto comentário, mas não menos esclarecedor, que SM logrou superar, em termos epistemológicos, a polêmica que na época opunha marxistas a estruturalistas.

Piero Amerio, na sua crítica, chama nossa atenção para a tentativa de SM de construir uma disciplina social ligando processos sociais, biológicos e psíquicos, seguindo os passos de estudiosos de destaque como Kurt Lewin (1890-1947), Salomon Asch (1907-1996) e Muzafer Sherif (1906-1988). P. Amerio lamenta, no entanto, como SM também o fez, a forma como essa vocação inicial da psicologia social veio a ser substituída por uma crescente fragmentação do social, concluindo contudo numa forma otimista (*wishful thinking?*) que a abordagem de SM será capaz de oferecer resistência suficiente, pelo menos na Europa, ao reducionismo anglo-saxão da corrente dominante.

Domenico Parisi ofereceu um olhar menos favorável às teses de SM. Embora ele tenha considerado positiva a tentativa de SM em vincular as ciências sociais às ciências naturais, também considerou contraditório que SM possa ter ignorado os processos biológicos subjacentes à mente, bem como os desenvolvimentos alcançados no domínio das neurociências, dando prioridade exclusiva aos processos sociais. Como argumentado por D Parisi, mesmo em termos das relações entre a mente e a sociedade, o projeto de SM para a psicologia social parece não ser muito claro em termos de sua suposta autonomia epistêmica, na medida em que a psicologia social está localizada em paralelo com outros ramos aplicados, "como a psicologia do desenvolvimento" e outros. Como uma última observação negativa, D. Parisi argumenta, evocando Lev Vygotsky (1896-1934), que SM ao colocar a mente como "intrinsecamente cultural" esqueceu-se do papel do que Parisi chamou de "tecnologias cognitivas", isto é, "instrumentos para o pensar ou para comunicar, usados geração após geração para tal".

Embora o meu propósito não seja entrar em detalhes, nem discutir os argumentos que apenas tentei resumir esperando não os ter demasiado distorcido, gostaria de sugerir que os pontos aqui levantados por esses três autores podem oferecer novas perspectivas, até então menos exploradas, convidando não exatamente a uma réplica, mas a prolongar a conversa.

Permitam-me começar pela questão da "*confiança entre os cientistas*" abordada por SM em sua palestra e incluída no título mas não abordada nos comentários dos diferentes autores. O termo "*confiança*" (*fiducia*) enfatiza desde logo como as relações entre cientistas de diferentes disciplinas são importantes para a cooperação que a noção de interdisciplinaridade exige. Tal cooperação parece, no entanto, não ser fácil de alcançar, bastando recordar Jean Piaget (1896-1980), que muito contribuiu para examinar as condições de possibilidade nas ciências em geral e, mais especificamente, nas ciências sociais.

Para J.Piaget haveria uma assimetria entre disciplinas nomotéticas, que são as descendentes no *ranking* tradicional vindo de Auguste Comte (1798-1857), no qual se postula que as disciplinas de nível "*inferior*" dependem mais das disciplinas de nível "*superior*" do que o contrário – por exemplo, as disciplinas de química dependem mais das disciplinas de física do que as de física dependem das de química.

No campo especial das ciências sociais e humanas, como afirmou J Piaget (1967), não haveria tal assimetria. As ciências sociais não são tão limitadas, por assim dizer, que levem a trocar de conteúdos com disciplinas mais ou menos próximas, o que significa, também, que elas são menos interdependentes umas das outras. Os limites ficam muito mais confusos o que, paradoxalmente, em vez de promover uma maior circulação, acaba por tornar mais difícil a cooperação interdisciplinar. Cada disciplina tem praticamente ambições hegemónicas, como é o caso da sociologia, que funciona como uma espécie de metonímia para as ciências sociais, como a física é, ou era, para as ciências naturais. E o mesmo poderia ser dito sobre a psicologia, sobre a economia ou a antropologia, todas elas reivindicando, por sua vez, um papel de coordenação potencial dentro da área.

Talvez Piaget não tivesse razão ao afirmar não haver interdisciplinaridade nas ciências sociais, pelo menos em um sentido estrito como ele entendeu o conceito. Além disso, tendo concluído que o objetivo das ciências humanas é, em última instância, relacionado com a coordenação de *regras, valores e signos*, Piaget veio a reconhecer que muitas das novas disciplinas híbridas teriam emergido escapando à ordem fechada de seu modelo circular de classificação de ciências.

A psicologia social é um exemplo claro de subcampo interdisciplinar, cuja autonomia epistemológica SM sempre reivindicou e que, novamente, insistiu em Bolonha. Ele iniciou seu discurso perguntando retóricamente (?) se a distinção que lhe fora concedida pela prestigiada Universidade de Bolonha não passasse de mais uma homenagem à contribuição que ele deu aos estudos sobre Galileu, dado ter sido a História da Ciência um dos campos no qual SM trabalhou e publicou intensamente. Não obstante a importância de suas descobertas sobre os físicos italianos do século XVII, provavelmente conhecida por um número restrito de estudiosos, foi, no entanto, por seu papel central em promover e fortalecer a nova disciplina Psicologia Social, o principal motivo para que os colegas de Bolonha tenham atribuído a ele tal honraria.

SM direcionou seus esforços para reivindicar a autonomia epistemológica da psicologia social, contrariamente à tendência de sua redução, seja a um ramo da psicologia geral ou a uma espécie de micro sociologia. O que estava em jogo era, portanto, o lugar reservado à psicologia social na ordem hierárquica das ciências sociais. Se poderia ser vista como uma subdisciplina ou, ao invés disso, como uma interdisciplina ou mesmo uma transdisciplina. É bem sabido que SM atribuiu à psicologia social um importante papel epistêmico. Permitam--me recordar um artigo publicado em 1989 em uma edição especial do *European Journal of Social Psychology* dedicado à psicologia social, onde SM afirma:

Se eu tivesse que formular sucintamente o guia ideal (para a Psicologia Social Europeia), seria: criar uma ciência capaz de vincular e juntar seus componentes até então espalhados entre as ciências sociais. Tenho em mente a psicologia da economia, a psicologia da linguagem e a psicologia da criança, que estão intimamente relacionadas com a psicologia social" (1989, p. 409)".

Essa poderia ser uma resposta aos comentários de Parisi, para quem a psicologia social nunca foi tomada como um ramo da chamada Psicologia Geral, mas como uma nova interdisciplina vocacionada para unir as subdisciplinas até então dispersas. Claro, este é um ideal ainda fundamentado no *ethos* mertoniano da ciência, que não se encaixa com o que pode ser observado nas comunidades científicas em geral (Merton, 1973). Entretanto, pode ser mais importante, do que uma visão extensional, a cujo conteúdo outros itens podem ser adicionados com uma ênfase na dimensão social ao contrário da orientação biológica do estilo positivista mais americano da psicologia social.

Claro, estou simplificando, mas o que me parece realmente crucial no "*New Look*" reivindicado por SM para a Psicologia Social é que a dimensão social constitutiva da disciplina, em vez do mero fator externo, tornou-se interna nos processos psicológicos. Pode-se dizer que tal movimento equivale a reverter a epistemologia da psicologia social para uma psicologia social da epistemologia.

É esta "*nova visão*", este "*nouveau regard*" (MOSCOVICI, 1984), que permite traçar uma linha de continuidade entre, de um lado seus resultados teóricos e experimentais sobre os processos de influência social que opõem minorias às majorias e, por outro lado, a teoria das representações sociais que, como me parece, postula, no seu núcleo, a mesma dinâmica de intercâmbios dialógicos contínuos entre processos de conformidade social e inovação. Aqui não estou longe da observação, já apresentada acima, por W. Doise.

Mais uma vez, a metáfora do triângulo epistêmico introduzido por SM em 1984, ligando um Ego a um objeto mediado por um Alter, parece ser a estrutura conceitual adequada para fundamentar esta tentativa de encontrar uma continuidade entre estas duas aparentes facetas descontínuas de sua pesquisa. É necessária uma tentativa de encontrar uma coerência interna para superar o estilo Kuhniano de crítica dirigida às ciências sociais, incapazes de ir além dos resultados empíricos locais, desprovidos de estrutura arquitetônica. Deixem-me observar que, na metáfora do triângulo epistêmico, parece existir uma assimetria entre Ego e Alter, que permite distinguir este novo olhar de psicologia social introduzido por SM do modelo de "*interação simbólica*" de Mead (Mead, 1934), que tende a reduzir a estrutura da sociedade às interações intersubjetivas, ignorando o papel das instituições sociais.

Ivana Markova (2000) deu uma importante contribuição para tornar explícito o que estava implícito na proposta de SM, a saber, que Ego e Alter são exemplos abstratos bastante abrangentes que, em termos mínimos, podem ser restritos a conflitos intrapsíquicos (cognitivos), e no outro extremo podem opor grupo abrangendo diferentes ideologias, incluídos entre uma miríade de situações relacionadas com os conflitos entre humanos e suas sociedades.

Entre Ego e Alter, existe, portanto, uma assimetria potencial que pode levar a entender que esta é uma relação complexa, que não deve ser reduzida nem às mudanças (ou trocas) psicológicas, nem às mudanças sociológicas. Prosseguindo uma espécie de *lógica fractal*, novos triângulos teriam de ser superpostos a cada um dos lados do triângulo epistêmico, a fim de compreender as mediações subjacentes entre Ego e Alter, bem como entre ambos, Ego e Alter, com seu objeto (dinâmico). Os encontros sociais entre Ego e Alter não são, no entanto,

necessariamente conflitantes. Pode-se recordar outras perspectivas sociológicas, como é o caso de Talcott Parsons (1902-1979), assim como de Jürgen Habermas e Niklas Luhmann (1927-1998), todas elas enfatizando, embora não exatamente nos mesmos termos, o papel da influência como uma espécie de poder suave, aqui teorizado em termos de meio de comunicação generalizado e simbólico que tem o objetivo de reproduzir a solidariedade social. (Parsons, 1975)

É certo que SM insistiu em um quadro metafórico diferente, mais focado na mudança social, no qual o conflito social adquire outra importância, que, no entanto, não é menos mediada pelos processos de comunicação social. Em outro contexto de explicação, no sentido de Willem Doise (1982), SM deu especial atenção aos processos de inovação, que ele considerou fundamentados nos conflitos sociais entre indivíduos e sociedade, sendo esta uma das definições que SM propôs para a nova disciplina da psicologia social.

Em seu discurso em Bolonha, SM sugere que o contexto epistemológico (questionando as fronteiras tradicionais entre ciências naturais e ciências sociais) foi favorável à autonomização de novas disciplinas, bem como ao surgimento de novos paradigmas transdisciplinares, como a teoria dos jogos, a cibernética e etologia. Sob esta nova atmosfera epistemológica de interdisciplinaridade generalizada, uma série de disciplinas híbridas surgem, dentre elas um exemplo é a psicologia social.

SM corretamente insistiu que a psicologia social (assim entendida) não é uma psicologia aplicada a situações sociais, nem um "ramo da psicologia", mas uma disciplina autônoma por direito. Em termos institucionais, como foi o caso da Universidade de Bolonha e outros em toda a Europa, SM levou à criação de uma disciplina distinta de psicologia e sociologia. Vinte anos depois, e em consonância com Piero Amerio, não estou certo de que SM poderia ter abraçado o mesmo otimismo em relação à nossa disciplina. De qualquer forma, e esta poderia ser uma espécie de aspiração de longo prazo, ele reivindica para a psicologia social a autonomia já alcançada pela psicologia do desenvolvimento e a psicolinguística, tendo talvez em mente que é através desta tríade de híbridos que os "*objetos antropológicos embutidos na cultura*" devem ser construídos, uma afirmação que poderia moderar as observações críticas de Parisi. SM, provavelmente, tinha em mente autores como Jean Piaget ou Noam Chomsky (1922) como paradigmas de um anti-reducionismo epistemológico que ele também claramente endossou.

Gianbattista Vico (1668-1744), foi um clássico autor napolitano que SM frequentemente citou e, no discurso de Bolonha, lembrou seu famoso dito – "*verum ipsum*

factum" que parece subjugar a sua abordagem construtivista epistemológica à psicologia social, onde a prioridade é dada à comunicação humana. Conhecemos melhor o que fazemos, mas o que fazemos é socialmente construído com signos, sejam estes sinais palavras ou coisas. Vico é também considerado como um dos antepassados das ciências sociais. A importância da linguagem não poderia ser aqui mais enfatizada. A linguagem está no núcleo do *sensu communis*, no qual estamos incorporados e através do qual somos socializados.

Como mostrado por John Searle (1995), aqui também citado, muitos objetos sociais que começaram como convenções sociais, como por exemplo o dinheiro, adquiriram um *status* epistemológico de objetividade como se fossem fatos naturais, instituições, oferecendo as mesmas restrições e resistência à mudança a que Emile Durkheim (1858-1917) era tão sensível. Para SM, como é sabido, a mudança social é, todavia, possível e ocorre em base contínua através de processos inovadores iniciados por minorias ativas consistentes (Moscovici, 1976).

É neste livro, citado acima, que SM opõe a abordagem funcional, à genética, para explicar a dinâmica dos processos sociais, o que mais uma vez é coerente com a sua posição epistemológica construtivista. É verdade que SM não discutiu diretamente questões tradicionais da filosofia da mente, como as relações do corpo e da mente, bem como outros dualismos metafísicos herdados de Descartes (1596-1650). No entanto, podemos presumir, pela forma como ele cita o posicionamento antirreducionista de Chomsky, que é também neste mesmo sentido que devemos interpretar sua rejeição por uma abordagem evolutiva simplista dos processos mentais, como declarado pelos funcionalistas.

Desde o seu ensaio sobre a *História Humana da Natureza (Histoire Humaine de la Nature)* publicado em 1968. SM sempre insistiu que a natureza e a sociedade, a evolução e a história, devessem ser vistas como processos dialéticos, ao invés de colocar entre eles algum tipo de descontinuidade hierárquica. Isso faz sentido dado que as representações sociais mediam as relações entre indivíduos e sociedades ou nos grupos locais a que pertencem, através das quais negociam os significados de objetos e eventos problemáticos ou desconhecidos.

O próximo passo do argumento, assim presumo, consistiu em examinar o diálogo ou, melhor, a "negociação" que ocorre entre as representações individuais e as representações coletivas expressas por minorias concretas, bem como por maiorias cujo resultado não seria uma representação coletiva sintética, mas múltiplas representações sociais produzidas dialogicamente. (MARKOVA, 2003)

Uma maneira alternativa de argumentar, neste caso, consiste em recorrer aos termos semióticos propostos pela lógica de Charles Peirce (1939-1916) que SM também explicitamente invocou (MOSCOVICI, 1984). A abordagem semiótica oferece uma maneira, eu diria a única maneira, de explicar o lugar e o *status* do cientista social como um analista de fenômenos sociais. Como pode ele sustentar que suas explicações são mais válidas do que as fornecidas pelos atores sob sua observação? Como pode ele escapar à conclusão de que o que ele encontra não é mais do que uma descrição de uma descrição? De fato, a resposta mais aceitável estaria menos relacionada com a metodologia e mais com a reflexividade, entendida, neste caso, como um processo de auto referência interminável que Charles Peirce chamou de "*cadeia dos interpretantes*" em busca de um "*objeto dinâmico*", uma espécie de alvo móvel que sempre se fasta à medida que dele nos aproximamos.

Embora SM não tenha abordado diretamente essa questão epistêmica, julgo que ele aceitaria localizar o psicólogo social dentro desta cadeia de interpretantes e onde as representações sociais funcionariam como *signos* neste processo semiótico.

Ao concluir sua apresentação em Bolonha, SM retoma sua tese de desejáveis relações interdisciplinares entre as ciências sociais e naturais, o que exige atitudes mais abertas dos cientistas de ambos os lados. SM já mostrou o caminho em seu esforço de examinar como as imagens recíprocas da ciência e do senso comum estavam gerando novas representações sociais, eventualmente organizadas, em torno de uma espécie de ideologia científica.

Podemos lembrar que o SM, em paralelo com sua pesquisa sobre psicologia social, também realizou estudos sobre a história da ciência, particularmente bem informado no campo da física clássica, no qual uma variedade de interdisciplinaridades pode ser rastreada se considerarmos a influência das convicções religiosas sobre o trabalho dos cientistas.

SM foi um aluno de Alexander Koyré (1892-1964) a quem deveu o período de um ano na Universidade de Princeton, onde teve a oportunidade de ampliar sua cultura científica. Foi nesta ocasião que começou a escrever sobre as complexas relações e representações entre a ciência, a natureza e a sociedade. O resultado foi o ensaio "*A História Humana a Natureza*", publicado anos depois em 1968. Este primeiro ensaio foi seguido por outros dois – *Society Against Nature*, em 1972 e *Domestic Men, Savage Men*, em 1974. Este último livro contém uma coleção de textos anteriores, alguns deles ainda não tinham sido publicados. Como o título sugere, um apelo é feito para um mundo "mais selvagem" (*wildering*), que de alguma forma ecoa o "*desencantamento*" Weberiano perante uma sociedade burocraticamente racionalizada, na qual seria saudável introduzir o "*grano salis*" das minorias dissidentes. O livro

mereceria um longo comentário, mas que aqui estaria fora de lugar. Limito-me, assim, a recordar o último capítulo intitulado "*Da Revolução de Kepler*", no qual SM oferece uma interpretação das leis de Kepler como uma ilustração paradigmática de sua compreensão da interdisciplinaridade.

De acordo com a interpretação aqui sugerida, muito aclamada pelo Nobel Ilya Prigogine & Isabelle Stengers (1986) em seu famoso livro "A Nova Aliança", que é um reconhecimento e a legitimação de sua visão precisa, SM compara a ampla aceitação da "*Revolução Copernicana*" com outras revoluções que apenas deslocaram o lugar do observador que, apesar de se mudar para um ponto mais distante, não altera seu *status* solipsista. SM distingue, de fato, dois tipos de revoluções – o primeiro, cujo o paradigma foi dado pela Revolução Copernicana, consistiu em reverter o centro do sistema conceitual, neste caso, o Sol e a Terra. Para SM isso seria um tipo de descentramento bastante limitado, na medida em que o sistema permaneceu pensado em termos de um modelo geométrico com sua perfeita e putativa circularidade. O segundo tipo de revolução científica é ilustrado pela visão genial de Kepler ao descobrir que as órbitas do planeta Marte, levando em consideração os dados empíricos reunidos por Tycho Brahé (1546-1601), não podiam ser circulares, mas elípticas. Tal descoberta não era apenas uma mudança de uma figura geométrica, mas uma transformação de uma visão platônica geométrica do cosmos em uma teoria física, na qual as órbitas dos planetas são produzidas por forças físicas. Nas palavras de SM:

le soleil y joue un rôle d'un principe moteur qui anime des corps célestes, et non plus celui d'un astre singulier qui règne sur eux et les éclaire de haut et de loin. L'astronomie est mûre pour poser la question essentielle- Qu'est-ce qui fait mouvoir les planètes? (MOSCOVICI, 1974, p. 234)

A mudança operada também foi muito importante do ponto de vista epistemológico, ao substituir uma explicação formal por uma explicação causal. O caminho que foi aberto para a revolução newtoniana não seria possível sem as descobertas de Kepler. De um ponto de vista interdisciplinar, pode ser observado que as conquistas científicas de Kepler não se devem a suas convicções religiosas, mas em consonância com essas, conforme ensinadas pelo sacerdote Jesuit Job Kozhamthadam (1994), onde as leis de Kepler são vistas como resultado da interação da ciência, filosofia e religião. Holton (1922) também chegou a uma conclusão semelhante quando escreveu que

Kepler viu os três temas básicos ou modelos cosmológicos superpostos: o universo como máquina física, o universo como harmonia matemática e o universo como ordem central teológica. E essa foi a configuração em que as harmonias eram intercambiáveis com forças, em que uma concepção teocêntrica do universo levou a resultados específicos de importância crucial para o surgimento da física moderna (Holton, 1975, p. 70).

Uma revolução na ciência, no conhecimento de forma geral, não se limita a uma mudança de posições, como uma espécie de "*Gestalt switch*", como mostra a revolução copernicana entre paradigmas incomensuráveis, mas também pode ocorrer através da descoberta de possíveis interdependências entre fenômenos aparentemente desalinhados. A revolução Kepleriana torna-se assim uma espécie de metáfora de outras revoluções, na qual uma pluralidade de centros se transforma em um sistema de coordenação mútua. A interdisciplinaridade assim compreendida está aberta a uma abordagem dialógica em que as diferenças são reconhecidas e mutuamente inspiradoras, ao invés de se tornarem assimétricas (Markova 2003). SM dá um exemplo no campo da antropologia, onde o etnocentrismo deve ser substituído não por uma forma copernicista de reverter a hierarquia anterior, mas pela aceitação mútua das diferenças. É claro que, no mundo real, esse ainda é um ideal difícil de se atingir. É suficiente recordar o problema de encontrar qualquer "*sobreposição conceptual (overlapping consensus)*" (Rawls 1989) em torno da questão da multiculturalidade. Deixem-me novamente dar a palavra para SM:

Enfin la révolution décentré, laisse entrevoir des relations, substitue à une vision axée sur la disjonction (des centres et des périphéries, de l'intérieur et de l'extérieur) une vision axée sur leur conjonction. Puisque connaître c'est transformer et se transformer, puisque c'est interagir au lieu de détacher, alors toute loi, toute théorie, toute méthode ne concerne plus un terme unique, exclusif: l'objet, le naturel, le primitif, le soleil, mais une relation: la relation de l'observateur et de l'objet observé, de la société et de la nature, de l'homme et de l'animal, du civilisé et du primitif. Les sciences qui s'y rapportent sont les sciences de cette relation (MOSCOVICI, 1974, p. 233)

A existência de dois pontos focais em vez de um centro fez a diferença de que o próprio Galileu Galilei (1564-1642), não obstante sua genialidade, foi incapaz de aceitar, provavelmente devido a uma crença hereditária na perfeição do círculo. Os cientistas também estão sujeitos à incontestável influência das representações – ou dos *thêmata* se assim se preferir – que são decisivas para o processo de inovação como foi o caso de Kepler, mas que também podem bloquear o progresso da mente constituindo o que o epistemologista francês Gaston Bachelard (1884-1962) chamou de "*obstáculos epistemológicos*". Pensar em termos

triádicos introduz uma variável de mediação social que faz a diferença na psicologia social como conceituada por SM. Ainda recorrendo à mesma metáfora, poderíamos propor um triângulo em que a psicologia social seria colocada no terceiro vértice mediando a psicologia e a sociologia. Entretanto, como já observado tanto por Georg Simmel (1858-1918) como por Fritz Heider (1896-1988), as relações triádicas tendem a tornarem-se desequilibradas convidando à alianças entre dois dos lados contra o terceiro. Não é, portanto, surpresa que o psicologismo e o sociologismo se tornem o Scylla e o Caribdis entre os quais a psicologia social navegou e ainda navega.

SM não apenas defendeu a autonomia epistemológica da psicologia social, como também muito contribuiu para a promoção da disciplina ao nível institucional internacional. Essa saga está descrita no livro escrito em coautoria com Ivana Markova, publicado em 2006 com o título "*The making of Modern Social Psychology*". Esta fascinante história mostra como a ciência e a política se acham tão intimamente interligadas, abrindo novas interfaces para a interdisciplinaridade. Neste caso específico, não obstante aos efeitos buscados pelo Comitê Transnacional, do qual SM, bem como Leon Festinger (1919 -1998) e muitos outros acadêmicos internacionais participaram de 1964 a 1974, o comitê não conseguiu ir além do nível regional. Apesar de ter sucesso na promoção da disciplina através da organização de reuniões, criação de associações regionais, recrutando estudantes e publicando livros e artigos de prestígio, não conseguiu criar um organismo internacional como no caso da Psicologia e da Sociologia, das quais a psicologia social ainda figura como subdisciplina. Isso tem consequências inevitáveis em termos institucionais que, em grande parte, explica como a psicologia social parece viver em uma crise endêmica que, não obstante os esforços de Moscovici, não estou certo se teriam logrado converter a maioria da corrente dominante (main stream) positivista..

SM lamentou em várias ocasiões, e novamente no seu discurso em Bolonha que, ao invés de uma disciplina central, encontrássemos um cenário fragmentado, em que a psicologia social, não obstante praticada como subcampo de outras disciplinas sociais, seria como a economia ou a sociologia, em que o pensamento social é não menos exigido. Na ocasião ele citou Chomsky por duas vezes. Primeiro para denunciar uma tendência da psicologia social cognitiva em, e cito, "*mover intuições perspicazes em favor de manipulações técnicas de interesse menor*". SM não poderia estar mais de acordo, tendo ele mesmo se lamentado do fascínio exercido pelo experimentalismo dos psicólogos sociais transfixados no quadro conceitual de processamento de informação. A segunda citação é aquela em que Chomsky

observa que o problema da ciência não é o reducionismo, mas a unificação, que é algo bastante diferente. Recordo, pessoalmente, como SM ficou impressionado por alguns textos posteriores de N Chomsky, onde essa própria ideia de unificação, que deve ser distinguida da ideia de redução, devendo ser interpretada apenas em termos de influência recíproca, no sentido de que a integração do novo, bem como uma idéia desconhecida sobre uma estrutura anterior, não é possível sem a sua transformação, como pode ser observado em todos os campos da ciência. Tal redução, tal como enfatizado por Chomsky e SM, raramente ocorre na Ciência.

Evocar Jean Piaget, bem como SM, assimilação e acomodação, bem como ancoragem e objetivação, são processos mútuos através dos quais o objeto do conhecimento é construído. No entanto, pode surpreender, à primeira vista, ou pelo menos foi uma surpresa para mim, que SM e Noam Chomsky pudessem tornar-se tão próximos se considerarmos o naturalismo que Chomsky reivindica para sua filosofia da Ciência Linguística. Mas, em uma reconsideração mais próxima, eu também tenho que lembrar que SM nunca propôs qualquer distinção ontológica entre a natureza e a sociedade, entre a evolução e a história, sendo essa a principal ideia desenvolvida em seu trabalho, eloquentemente intitulado "*História Humana da Natureza*". Sob esta luz, passamos de inter para transdisciplinaridade como um apelo à abertura dos muros fechados dos laboratórios, para uma atitude mais confiável entre os cientistas uns com os outros, como o título do *lectio* de Bolonha também exige.

SM mostrou ele mesmo o exemplo de tal abertura, tanto no estilo de sua pesquisa científica, que atravessa várias disciplinas, como no ativismo público sobre a "*questão natural*" que ele considerou, corretamente, como a principal questão dos nossos tempos. A interdisciplinaridade tornou-se aqui o fórum onde os cientistas são forçados a dialogar, não só entre eles, não como uma tarefa fácil, mas também com decisores políticos e com o público em geral. O papel das representações sociais na mediação desta conversa polifônica do nosso tempo não poderia estar mais destacado.

Referências

Bachelard, G. (1975). *La Formation de l'Esprit Scientifique. Contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*, Paris, Vrin.

Chomsky, N. (2000). *New Horizons in the Study of Language and Mind*, Cambridge University Press.

Doise, W. (1982). *L'Explication en Psychologie Sociale*, Paris PUF.

Holton, G. (1975). *Thematic Origins of Scientific Thought. Kepler to Einstein* Revised Edition, Harvard University Press.

Kozhamthadam, J. S. J. *The Discovery of Kepler's Laws. The Interaction of Science, Philosophy and Religion*, Notre Dame – University of Notre Dame Press.

Markova, I. (2000). Des Thémata de base des representation sociales du SIDA – In Catherine Garnier (dir.). *Les formes de la pensée sociale*, Paris PUF, pp. 55-77.

_____. (2003). *Dialogicality and Social representations. The Dynamics of Mind*, Cambridge University Press.

Mead, G. (1974/1934). *Mind, Self, & Society from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Edited and with an Introduction by Charles W Morris Chicago: Chicago University Press.

Merton, R. (1973). *The Sociology of Science. Theoretical and Empirical Investigations* Chicago: Chicago University Press.

Moscovici, S. (1968). *Essai sur l'Histoire Humaine de la Nature*, Paris, Flammarion.

_____. (1974). *Hommes Domestiques et Hommes Sauvages*, Paris, Union Générale des Editions.

_____. (1976). *Social Influence and Social Change*, London, Academic Press.

_____. (1984). *Introduction - le Domaine de la Psychologie Sociale* In: Serge Moscovici (dir.). Psychologie Sociale, Paris, PUF, pp. 5-22

_____. (1999.) *Psicologia Sociale, Interdisciplinarietà e Fiducia fra gli Scienziati*, *Giornale Italiano di Psicologia* XXVI 2, giugno: pp. 221-224.

MOSCOVICI, S. & MARKOVA, I. (2006). *The Making of Modern Social Psychology. The Hidden Story of How an International Social Science was created*, Polity Press.

PARSONS, T. (1975). *Social Structure and the Symbolic Media of Interchange*.

In Peter Blau (Ed.). *Approaches to the Study of Social Structure*. London: Open Books, pp. 94-120.

PIAGET, J. (1967). *Les deux Problèmes Principaux de l'Épistémologie des Sciences de l'Homme*. In: Piaget, Jean (dir.). *Logique et Connaissance Scientifique*, Paris, Encyclopédie de la Pléiade, pp. 1144-1146

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. (1986). *La Nouvelle Alliance*, 1^{ème} edition, Paris: Gallimard.

RAWLS J (1989). The domain of the political and overlapping consensus, *New York University Law Review* 64, pp. 2-223.

SEARLE, J. (1995). *The Construction of Social Reality*, The Free Press.

Autor convidado para o número temático